

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Hoje em Dia Class.: 107  
 Data: 09/08/91 Pg.: \_\_\_\_\_

**Índio do Acre denuncia pressões de traficantes**

BRASÍLIA — Uma tribo de índios do Acre está cercada por narcotraficantes, madeireiros e posseiros, às margens do Rio Amonea, na divisa daquele estado com o Amazonas. Os ashaninka, que também são denominados de kampa e vivem em comunidade de aproximadamente 300 índios, denunciaram ontem ao procurador-geral da República, Aristides Junqueira, que nos últimos meses vem recebendo ameaças de morte por parte de narcotraficantes.

Essas ameaças, segundo denunciaram Antônio e Moisés Pianko, ambos da aldeia localizada no afluente do Rio Juruá, partiram de um traficante conhecido como Nanci Freitas, que insiste em obrigar sua aldeia a plantar cocaína. De acordo com os índios, que apresentaram as acusações em depoimento na Procuradoria Geral da República, duas entidades estão sendo consideradas omissas no caso: a Fundação Nacional do Índio (Funai), por não ter demarcado a reserva, com área de 91 mil hectares, e a Polícia Federal, que, apesar de identificar os traficantes, não fez nenhuma prisão até agora.

“O Nanci Freitas tem lutado para que os índios plantem coca para ele”, afirmou Moisés Pian-

ko. “É isso que dá dinheiro, diz para nós, oferecendo sementes de coca e um negócio à base de troca”, disse. A troca seria feita da seguinte maneira: os índios receberiam as sementes de coca de graça, para plantar em suas terras: Após a colheita, teriam uma participação nos lucros pela venda do pó: “um negócio de amigo para amigo, como eles dizem”, afirmou Moisés Pianko.

Além de Freitas, um posseiro chamado pelos índios de “José de Sousa do Vale”, que se apresenta à comunidade indígena como “fiscal” da Polícia Federal, estaria também envolvido no tráfico de drogas na região. Segundo os índios, ele e um grupo de narcotraficantes trazem a droga do Peru e a distribuem no Brasil a partir da cidade de Cruzeiro do Sul.

O procurador-geral, Aristides Junqueira, através de sua assessoria, afirmou que vai pedir à Funai, nos próximos dias, a demarcação da reserva; e à Polícia Federal, uma investigação completa sobre o tráfico de drogas na aldeia dos ashaninka. Para os índios, que falam aruak e vivem da caça e pesca além da agricultura de subsistência, a liberação da área com a expulsão dos narcotraficantes e posseiros seria o caminho para a paz na aldeia.